

TEOLOGIA CRIACIONISTA

AS INCONGRUÊNCIAS SOTERIOLÓGICAS PRESENTES NA COMPREENSÃO NÃO-LITERAL DA CRIAÇÃO HUMANA, PROPOSTA PELO EVOLUCIONISMO TEÍSTA

André Luiz Galvão e Silva

Graduado, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

ISRAEL THIAGO TROTA

Mestre, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

BRUNO SILVEIRA ALBUQUERQUE

Doutor, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

TERESA CRISTINA DOS SANTOS AKIL OLIVEIRA

Doutora, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

Resumo: A fé no Deus Único Criador relaciona-se, direta e sistematicamente, a áreas do conhecimento teológico com as quais mantém vínculos necessários. Neste trabalho, apresentar-se-á uma abordagem apologética à proposição criacionista conhecida como evolucionismo teísta. Realizar-se-á uma análise sucinta acerca das origens



desta cosmovisão, a qual propõe que a criação do ser humano realizou-se através da evolução biológica das espécies. Identificar-se-ão, de forma concisa, os seus principais pressupostos antropogênicos e os consequentes impactos diretos na teologia cristã ortodoxa, particularmente na antropologia e na soteriologia bíblicas. O presente artigo, em sua parte final, apresentará e destacará a incompatibilidade do modelo evoteísta com a fé cristã salvífica, substitutiva e redimidora, presente no todo sistemático doutrinário e escriturístico neotestamentário. O fito desta pesquisa é demonstrar que a evolução teísta, em sua propositura interpretativa não literal da criação humana, contrária àquela apresentada pelo relato textual dos três primeiros capítulos do livro de Gênesis, quede-se incompatível com os ensinamentos soteriológicos do Novo Testamento.

Palavras-chave: Apologética cristã. Criacionismo bíblico. Evoteísmo.

Abstract: Faith in the One True Creator God is directly and systematically related to the theological knowledge areas, with which it maintains necessary links. This paper presents an apologetic approach to the creationist proposition known as theistic evolution. It offers a succinct analysis of the origins of this worldview, which proposes that human creation occurred through the biological evolution of species. The main anthropogenic assumptions will be identified, along with their direct impacts on orthodox Christian theology, particularly in biblical anthropology and soteriology. The final section of this article will highlight the incompatibility of the theistic evolutionary model with the salvific, substitutive, and redemptive faith present in the systematic doctrinal and scriptural teachings of the New Testament. The aim of this research is to demonstrate that the non-literal interpretive approach of theistic evolution to human creation is incompatible with the account presented in the first



three chapters of the book of Genesis and contradicts the soteriological teachings of the New Testament.

Keywords: Christian apologetics, biblical creationism, theistic evolution.

1. INTRODUÇÃO

A proposta evoteísta levanta a questão da não historicidade dos relatos da criação humana no livro do Gênesis, interpretando-os como uma descrição mítica. Nesse contexto, são trazidas a lume implicações que tocam e contradizem a doutrina soteriológica cristã ortodoxa, em sua proposta antropogênica mais fundamental, qual seja, a da interpretação literal da criação do homem, conforme o relato descrito nos três primeiros capítulos do “livro bíblico das origens”.

Destarte, vez que a crença na evolução teísta se mostra incompatível com a convicção na veracidade narrativa histórica literal da Bíblia, emerge a necessidade de que sejam estabelecidos suportes teológicos concernentes à demonstração clara de que, se o relato de Gênesis de 1 a 3 não for histórico e se puder afirmar que Adão e Eva não foram os primeiros seres humanos criados, reais e literais, não se poderia também declarar que houve uma queda e, portanto, que também não houve a transmissão de responsabilidade aos seus descendentes. Desta forma, pode-se ainda assegurar-se de que anulada está a necessidade de um Salvador. Igualmente, poder-se-ia alegar com firmeza que toda referência ao pecado original é construto poético, figurado ou alegórico. Isto também seria válido para toda menção edênica referente aos pais primevos e ao pecado original nos evangelhos, em Atos, nas cartas paulinas e nas epístolas gerais.

2. O EVOTEÍSMO

2.1 Definição e historicidade

O evolucionismo teísta, também denominado evoteísmo ou teísmo



evolucionário, busca uma conciliação entre a teoria evolucionista e o relato bíblico da criação, propondo uma mescla de definições que orbitam entre uma ação inicial proveniente de um Deus criador precursor e o comportamento natural da matéria, também pela via da biologia evolutiva, subsequente a processos puramente naturais.

A publicação do livro “A Origem das Espécies”, em novembro de 1958, do naturalista britânico Charles Darwin, lançou as bases da moderna biologia evolutiva. A obra despertou grande interesse não somente na comunidade científica, mas alcançou também o público leigo, contribuindo na promoção do processo de migração de uma perspectiva científica, que se alicerçava em uma teologia natural, para abrir a possibilidade de discussões acerca de uma pretensa incompatibilidade entre os pressupostos desta teologia e a secularização da ciência. João Paulo Reis Braga, PhD em Ciências da Religião, citando Rodney Stark, renomado sociólogo americano, afirma:

De acordo com Rodney Stark, ainda que as hipóteses evolucionistas já existissem, foi só após a publicação do livro “A Origem das Espécies”, em 1859, por Charles Darwin (1809-1882), que o discurso de oposição entre ciência e Religião ganhou força e começou a ser sistematicamente difundido entre acadêmicos e nos meios de comunicação. Entretanto, Stark alerta que, desde sua origem, o Darwinismocarrega consigo um viés político e ideológico no discurso de um suposto “enfrentamento histórico” entre os pensamentos “científicos e religiosos”. (STARK, Rodney *apud* BRAGA, 2020, pp. 26,27).

As controvérsias religiosas e científicas havidas fomentavam a inconciliabilidade entre as existências adâmicas, literal e mítica. Por este período, nomes como o do evangelista e biólogo escocês Henry Drummond propunham a conciliação entre as teses evolucionistas darwinianas e as proposições criacionistas. Nestes desideratos, Andrade (2011, p. 5), diz que o biólogo e professor da Universidade de Harvard, o norte-americano Asa Gray, destacou-se como “um evangélico que trabalhou duramente para que as ideias de Darwin fossem ouvidas de modo equilibrado e abertamente”.



Nesta época, acirradas discussões dividiam os antropólogos e etnólogos¹ entre poligenistas e monogenistas. O poligenismo é a teoria que se opõe à origem única da raça humana (conforme proposta pelo monogenismo). Keuller (2012, p.30) explica que a doutrina poligenista propunha que “as diferenças físicas entre homens eram difíceis de serem explicadas como produto de um ambiente limitado por uma explicação bíblica da existência humana na Terra ou conciliadas com a ideia de uma espécie única”. Dado isso, evoca-se a suposição de que Deus teria criado outras espécies. Como a teoria evolucionista de Darwin postulava uma origem comum do ser humano, obteve o acolhimento de parte dos círculos cristãos à época.

No século XX, a aceitação da teoria da evolução, como verdade quase incontestada, recrudescer nas mais diversas esferas e classes, incluindo segmentos e redutos cristãos. Martin afirma que:

No início do século XX, uma evolução darwinista teísta, lenta e gradual, foi sendo assimilada pela comunidade acadêmica cristã. Mais tarde, nesse mesmo século, um grande número de cristãos foi percebendo, assim como outras pessoas, a bancarrota do darwinismo. Entretanto, em vez de captar a implicação de que a Bíblia estava correta esse tempo todo, muitos se juntaram aos evolucionistas ateus em seu voo para a reformulação da teoria, propondo então o equilíbrio interrompido (MARTIN, 2009, p.150).

Nas primeiras décadas do século XX, o darwinismo, apesar do apoio crescente, também recebia forte oposição, principalmente dos biólogos, botânicos e anatomistas. BRAGA (2023) explica que esta resistência duraria até 1930, sendo superada após a publicação das experiências de Thomas Morgan e a formulação da “Teoria Sintética Moderna”, hipótese conhecida como “Neodarwinismo”. Tal proposição visava unir as incipientes noções de genética à seleção natural.

A Igreja Católica Romana, gradativamente, aproximou-se da

¹ A etnologia é a ciência que se dedica ao estudo comparativo entre sociedades e culturas.



compreensão evolucionista, aceitando que não haveria, necessariamente, contraposições fundamentais entre a fé católica e a teoria da evolução. Martin, ao citar o cientista-filósofo agnóstico Stephen Jay Gould, transcreve:

O papa Pio, muito a contragosto, admitiu a evolução como hipótese legítima, que ele considerava apenas temporariamente suportável e potencialmente (como eu considerava que assim fosse) errada. O Papa João Paulo II, aproximadamente 50 anos depois, reafirmou a legitimidade da evolução (GOULD, S.J *apud* MARTIN, 2009, p.141).

Nesta mesma direção, convém destacar:

No final do século XX, o Papa João Paulo II falou e escreveu diversas vezes sobre o tema. Uma de suas mais importantes declarações a este respeito está em uma mensagem à Pontifícia Academia de Ciências, de 22 de outubro de 1996, na qual o Papa reconhece como muitas e congruentes as avaliações feitas no âmbito da ciência a respeito de temas como a origem do universo e a evolução da vida. Já no ano de 1986, o Papa reconhecia numa de suas catequeses 'que do ponto de vista da fé não se veem dificuldades no explicar a origem do ser humano enquanto corpo, mediante a hipótese da evolução' (FERNANDES e RAIC, 2023, p.7).

O padre jesuíta e paleontólogo² Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955) destacou se como teísta evolucionista. Barros explica que este teólogo propunha um equilíbrio entre o criacionismo e o evolucionismo a partir do que se passou a nomear de “transformismo de Chardin”:

A evolução no pensamento Teilhardiano é nada mais que a realização de um projeto divino que orienta, em qualquer circunstância, a marcha evolutiva da natureza. Não restam dúvidas quanto a sua convicção. Embora alguns tenham insistido que a evolução, vista dessa maneira, não pode ser apresentada como uma concepção científica, mas, sim, como uma teoria metafísica e teológica, uma vez que não se podem interpretar determinados dados físicos através da fé e dos conteúdos religiosos. Teilhard de Chardin nega veementemente essa interpretação e afirma que sua teoria se encontra respaldada tanto na paleontologia quanto na biologia (2009, p. 76).

² A Paleontologia é a ciência que se dedica ao estudo dos seres vivos que existiram em um passado remoto, a partir de evidências encontradas no registro fóssil.



Entre os confessos da fé evangélica, nomes proeminentes como C.S.Lewis e Francis Collins, emergem como evolucionistas teístas. Não obstante, West afirma:

Lewis não tinha objeções em princípio à ideia evolutiva da descendência comum, mas limitou sua aplicação categoricamente, e de uma forma que os proponentes tradicionais da evolução considerariam inaceitável. Mais importante ainda é o fato de que Lewis era absolutamente cético quanto ao poder criador da seleção natural darwiniana não guiada e fez críticas mordazes à aplicação do que chamou de “evolucionismo” à moralidade e à sociedade (2021, p. 765).

Hernandes Dias Lopes, em idênticas constatações, assevera:

Francis Collins, o pai do projeto genoma, declarou sua conversão ao teísmo cristão. Em seu livro, A Linguagem de Deus, ele narra como saiu do ateísmo para se converter ao Cristianismo; todavia, Collins, estranhamente, se declara cristão e darwinista ao mesmo tempo; isto é, ele crê que Deus trouxe o universo à existência mediante a evolução das espécies. Muitos teólogos liberais, tentando adequar sua suposta crença cristã ao darwinismo, já se renderam ao evolucionismo e não acreditam mais na historicidade do relato de Gênesis 1 e 2, ou seja, não creem que a criação seja um fato histórico (2021, p. 29).

Contemporaneamente, o modelo evolucionista teísta apresenta-se como proposta consubstancialmente apta a harmonizar os relatos bíblicos da criação do homem à conformidade com os campos científicos mais diversos. Seus postulados pretendem encontrar abrigo conciliável entre a cátedra teológica e a pesquisa científica mais atualizada.

2.2 Os pressupostos antropogênicos evolucionistas teístas

O Dr. Stephen Meyer, de modo cirúrgico, pondera que os evoteístas “afirmam que Deus usou o processo evolutivo para criar a diversidade de vida na Terra” (2021, p. 109). O Criador, portanto, teria empregado os processos de variação aleatória e seleção natural para fazer com que todos os tipos de formas de vida passassem a existir:

De acordo com evolucionistas teístas, uma vez que toda verdade é verdade de Deus, e uma vez que a comunidade científica



determinou que o mecanismo neodarwiniano é a verdadeira causa da diversidade dos organismos, os cristãos devem reconhecer e defender a natureza *divinamente criadora* do processo evolutivo (...) como uma demonstração da soberania que Deus exerce, para seus propósitos, sobre a natureza em todas as suas dimensões (MEYER, 2021, p.109).

O evolucionismo teísta ensina que a criação divina do homem deu-se através de processos evolutivos, a partir de ancestrais não humanos. Para estes propositores, a inteligência literal da narrativa bíblica da criação do homem, contida nos primeiros capítulos do livro do Gênesis é compreendida como uma proposição mítica / metafórica.

Segundo Lamoureux, Adão nunca existiu como um personagem histórico, mas que teria evoluído de ancestrais pré-humanos. A existência de Adão, nos capítulos iniciais das Escrituras refletiria uma compreensão antiga das origens biológicas:

Considerando as limitadas evidências científicas disponíveis para os povos antigos, esta conceituação das origens era perfeitamente lógica. Tal como acontece com todos os relatos sobre as origens, incluindo aqueles que temos hoje, os antigos faziam perguntas etiológicas básicas (do grego *aitia*: a causa, a razão para isso). (...) Não havia razão para os povos antigos acreditarem que o universo existia há bilhões de anos de idade, e eles não sabiam que os organismos vivos mudaram ao longo de eras de tempo, conforme refletido no registro fóssil (LAMOUREUX, 2011, p. 80).

Para Collins, a narrativa de Gênesis 1-3 deve ser entendida como poesia e alegoria. Para ele, “não há dúvida de que essa é uma narrativa impressionante e poética que reconta a história das ações criativas de Deus”. (2007, p. 156).

Para John Walton, Adão não foi formado do pó, nem Eva da sua costela. Ambos não teriam sido, necessariamente, os primeiros seres humanos de toda a humanidade, e jamais viveram sob uma perspectiva de eternidade. Compreende a narrativa edênica como de base arquetípica. Walton admite que a concepção evolucionária da origem humana fosse uma interpretação genuinamente bíblica:

O tema mais significativo que temos examinado é se a Bíblia e a



ciência fazem afirmações mutuamente excludentes sobre as origens humanas. O consenso científico corrente é de que os humanos compartilham um ancestral comum com outras espécies baseado na evidência de continuidade material (filogenética). Nossa leitura atenta do texto bíblico e os estudos teológicos indicam que eles permitiriam tal continuidade material e ancestralidade comum (WALTON, 2016, p.196).

Na concepção evoteísta, Deus foi o criador da matéria e não dos seres vivos:

Com frequência, querem dizer que *Deus criou a matéria* no princípio com determinadas propriedades físicas e que *as propriedades da matéria* foram suficientes para produzir todas as coisas vivas sem nenhuma atividade direta adicional de Deus. Isso elimina o problema de qualquer conflito com a ciência, pois a teoria evolutiva moderna também afirma que *a matéria, por si mesma*, evoluiu durante um longo período até se transformar em todos os seres vivos (GRUDEM, 2021, p.71).

Para o teísmo evolucionário, a raça humana não é oriunda de apenas dois antepassados, mas de milhares. Wayne Grudem, citando Francis Collins, assim transcreve suas conclusões:

Francis Collins escreve: “Geneticistas populacionais (...) concluem que (...) nossa espécie (...) descendeu de um conjunto comum de fundadores, aproximadamente dez mil em número, que viveram cerca de 100 mil a 150 mil anos atrás” (COLLINS, *apud* GRUDEM, 2021, p. 71).

Nesta mesma direção, Denis Alexander afirma que “os dados genéticos sugerem que a população fundadora ancestral de todos os humanos, (...) era de somente 9 mil - 12,5 mil indivíduos reprodutivamente ativos” (2017, p. 224). Alexander também propõe um modelo segundo o qual Deus teria escolhido um casal de agricultores neolíticos do Oriente Próximo, ou mesmo uma comunidade inteira, há cerca de 8 mil anos, para revelar-se de uma maneira especial, possibilitando-lhes comunhão consigo: Por isso denominamos este primeiro casal, ou comunidade, *Homo divinus*, humanos divinos, conhecedores do único Deus verdadeiro, e correspondendo a Adão e Eva no relato de Gênesis (ALEXANDER, 2017, p.243).



Grudem afirma que, em correlatas conclusões, N.T. Wright propõe uma explicação semelhante:

Talvez o que Gênesis nos relate é que Deus escolheu um par dentre o restante dos primeiros hominídeos para uma vocação especial desconhecida e acompanhada de exigências. Esse par (chame-os de Adão e Eva se desejar) devia representar toda a raça humana (WRIGHT, *apud* GRUDEM, 2021, p.73).

3. O IMPACTO EVOTEÍSTA NA TEOLOGIA

3.1 O impacto evoteísta na antropologia cristã tradicional

O evolucionismo teísta é criacionista. Denis Alexander afirma categoricamente que “não podemos conhecer a Deus pessoalmente pela fé, sem crer também que ele é o Criador de tudo o que existe” (2017, p. 23). No entanto, este mesmo autor também propõe que este princípio criativo deve ser interpretado como um processo de “dinâmica criativa”. Para ele, “o entendimento bíblico da criação não trata primariamente sobre como as coisas começaram, mas sim sobre o porquê delas existirem” (ibid., p.35). Portanto, a proposta evoteísta levanta a questão da não historicidade dos relatos da criação humana no livro do Gênesis, interpretando-os como uma descrição mítica, simbólica, não literal.

Em idêntico sentido, Lucimar Milagres considera que “a ciência enfatiza a pesquisa de mecanismos sobre como os fenômenos acontecem e a fé busca as respostas para o porquê, o significado para a existência” (2022, p. 275). O evoteísmo, portanto, opõe-se ao sentido literal da criação humana, concedendo-lhe caráter meramente doutrinário e metafórico. Rejeita a antropogênese cristã tradicional, buscando conciliá-la com a teoria da evolução biológica dos seres vivos.

Para Grudem (2021), a evolução teísta ataca doutrinas fundantes da fé cristã, como a possibilidade de Adão e Eva sequer terem existido. Ademais, caso tenham existido, teriam nascido de pais humanos, e não de uma criação divina especial. Tampouco promoveram uma queda original, inexistindo o conceito da morte humana como consequência do pecado adâmico. Gaffin afirma que “sem Adão, não há evangelho”, e que a



natureza progressiva da revelação especial de Deus exige que “o Antigo Testamento seja lido à luz do Novo” (2015, p.9).

Colin R. Reeves também alude e alerta a respeito estas implicações escriturísticas e teológicas, ao afirmar que:

Os defensores da “evolução teísta” insistem cada vez mais para que modifiquemos ou mesmo abandonemos certas doutrinas bíblicas históricas. Adão e Eva como ancestrais de toda a raça humana; a queda como acontecimento histórico no espaço e no tempo que introduziu no mundo o pecado e a morte; a morte de Cristo como expiação substitutiva pelos pecados de seu povo – tudo isso precisa ser revisado, segundo os defensores da “evolução teísta” (REEVES, 2021, p.716).

O evolucionismo teísta, entretanto, mantém-se firme em suas conclusões acerca da não literalidade da criação humana, nos moldes bíblicos tradicionais. Francis Collins, peremptoriamente, defende que “pela perspectiva de um biólogo, as provas a favor da evolução são obrigatórias” (2007, p.152). E prossegue, afirmando indubitavelmente que:

Fica claro que a evolução vem sendo uma fonte de grande desconforto na comunidade religiosa durante este século e meio mais recente, e essa resistência não mostra sinais de diminuição. Contudo, aos que acreditam em Deus, recomendo examinar com atenção o peso arrebatador dos dados científicos que dão respaldo ao ponto de vista de que todas as formas de vida, incluindo a nossa, se acham inter-relacionadas (COLLINS, 2007, p. 147).

Apesar do alto custo apologético suscitado, o evoteísmo sustenta o concordismo entre a evolução neodarwiniana e uma concomitante ação divina. Douglas Axe apresenta a visão não confrontadora de William Lane Craig:

Como alguém pode dizer, com base nas evidências científicas, que todo o sistema (evolutivo) não foi estabelecido por um Deus providente de modo a chegar ao *Homo Sapiens* no planeta Terra? Como um cientista pode saber que Deus não interveio de forma sobrenatural para causar mutações fundamentais que levaram a importantes transições evolutivas, por exemplo, na transição de réptil para pássaro? (CRAIG, *apud* AXE, 2021, p.94).

Esta perspectiva concordista está na base do teísmo evolucionário. Com ela, frisa-se e sedimenta-se o argumento de que a ciência não teria



como, metodologicamente, provar que Deus está ausente da Sua criação. Nesta mesma aspiração, Douglas Axe inclui as palavras de Robert Bishop, professor de física e filosofia:

O conceito biológico de mutações aleatórias ou não dirigidas nem mesmo elimina Deus como a possível causa das variações. Ao usar esses termos, todos os biólogos querem dizer que as causas subjacentes são deixadas em aberto pela teoria evolutiva, pois mecanismos como a seleção natural podem trabalhar com quaisquer variações que lhe sejam entregues, quer se devam a cópia genética (clonagem), raios cósmicos ou Deus (BISHOP *apud* AXE, 2021, p.93).

O teísmo evolucionário incompatibiliza o relato histórico dos primeiros capítulos de Gênesis com o cenário proposto pela “verdade inconteste” do criacionismo evolutivo. Nas palavras de Denis Alexander:

Portanto, os criacionistas evolutivos de hoje, como seus predecessores crentes na Bíblia do século 19, na época de Darwin, têm o grande privilégio de desfrutar de todos os aspectos da criação divina, incluindo o entendimento tanto da paciência como do poder de Deus ao trazer à existência a presente ordem criada por meio do processo evolutivo. Ao mesmo tempo, podem prosperar na comunidade científica, ou em seus estudos da biologia, ou em suas interações com amigos interessados em ciência, confiantes de que, independente do que a ciência descubra de novo, eles poderão receber com alegria e trazer ainda mais glória a Deus, o Criador de todas as coisas (ALEXANDER, 2017, p.187).

3.2 O impacto evoteísta na soteriologia cristã tradicional

Os defensores da doutrina evolucionista teísta interpretam os primeiros capítulos do Gênesis “como um texto expresso em linguagem figurada, escrito com o objetivo de apresentar verdades teológicas, acessíveis a qualquer pessoa, em qualquer era ou cultura” (ALEXANDER, 2017, p.268). Depreende-se, portanto, que “uma leitura não histórica de Gênesis 1-3 não se origina de fatores do texto em si; antes, depende de um compromisso prévio com uma estrutura de interpretação evolutiva” (GRUDEM, 2021, p.796). À vista disso, observa-se que, aprioristicamente, o evoteísmo parte de pressupostos que interpretam a existência de Adão de



modo não histórico ou semi histórico.

A doutrina bíblica da queda do homem e sua consequente maldição sobre toda a raça humana e sobre toda a criação é doutrina fundamental do cristianismo. Entretanto, o teísmo evolucionário, ao acreditar que a evolução seja o método divino da criação, não aceita o relato literal de um mundo harmonioso e deleitável antes da ocorrência do pecado original:

Ocasionalmente, fazem-se sugestões impressionantes sobre mudanças nas “leis da natureza” depois da queda, mas não há evidências em favor de tais especulações no texto bíblico nem na ciência. Elas não passam de “castelos no ar” (...) No único caso em que a narrativa do jardim do Éden e da queda é mencionada no Antigo Testamento, sua interpretação é de forma figurada (ALEXANDER, 2017, pp. 273,274).

Desta forma, ao opor-se ao relato literal, adota a ideia de que o sofrimento e morte já existiam muito tempo antes do homem e, portanto, assumem necessariamente, que “o Criador (isto é, Cristo Jesus) instituiu um processo baseado na morte, em que todas as criaturas lutam pela existência e somente o ‘mais apto’ sobrevive” (MORRIS, 2009, p.169).

Nesta esteira, todos os defensores da evolução teísta negam que Adão e Eva tenham sido os primeiros seres humanos, assim como recusam os relatos de suas criações especiais e afirmam que eles nunca foram seres sem pecado. Por conseguinte, a morte humana não teria começado como decorrência do pecado adâmico nem o mundo natural teria sido amaldiçoado com pesares, desarmonias e hostilidades. Como conclusão necessária, o homem e toda a criação prescindem de um Salvador, visto que a morte faz parte de uma causa natural da evolução da vida.

No tocante à salvação, objeto central do esforço teológico da soteriologia cristã, o evoteísmo torna desconexa a correspondência entre a vida perdida em um ato magno de desobediência literal e a morte vencida mediante a obediência literal perfeita, essencialmente compensatória



deste ato histórico anterior. Neste exato sentido, explica o pastor Hernandes Dias Lopes:

Com relação à salvação, se Adão e Eva eram figuras lendárias e se eles não existiram, então a queda também não existiu; sendo assim, o pecado original também não existiu; nesse sentido, Paulo estava errado quando disse que nós caímos em Adão e que por meio de Adão o pecado entrou no mundo (Rm 5.12). E, se a queda não existiu, então a redenção também é uma falácia, pois, se o primeiro Adão é uma lenda, então também o segundo Adão, Jesus Cristo, deve ser uma lenda". (LOPES, 2021, p.46).

Colin Reeves explica que, segundo o evoteísmo, a morte de Cristo como expiação substitutiva pelos pecados da humanidade precisa ser revisada. Este reexame seria uma consequência lógica da crença na evolução:

Por tempo demais, a igreja recusou-se a reconhecer a necessidade de enfrentar esse argumento e preferiu fingir que podemos aceitar as proposições da evolução e, ainda assim, aderir ao cristianismo histórico. Livros recentes como os de Francis Collins e Denis Alexander, porém, levantaram questões importantes para a igreja cristã, como também fez o surgimento do site BioLogos. Vários autores destacaram que a evolução teísta tem sérias implicações para a integridade do evangelho de Jesus Cristo (REEVES, 2021, P. 716).

Em idêntico sentido, Reeves cita o artigo de G. Richard Bozarth, intitulado *The Meaning of Evolution*, publicado no *American Atheist*, em fevereiro de 1978, p.30:

(...) a evolução destrói de modo completo e final o motivo para a suposta necessidade da vida terrena de Jesus. Destrua Adão e Eva e o pecado original e, nos escombros, você encontrará os vestígios lamentáveis do Filho de Deus. (...) Se Jesus não foi o Redentor que morreu por nossos pecados, e se é isso que a evolução significa, o cristianismo não é nada (BOZARTH, *apud* REEVES, 2021, p.716).

Denis Alexander é contundente em afirmar que a expiação substitutiva operada na cruz do Calvário não coaduna harmoniosamente com a teoria da evolução, no tocante ao pecado original adâmico:

A insistência na ligação entre a morte física de Cristo e a morte física de Adão e de sua descendência por causa do pecado parece um caso de "especulação tipológica" excessiva, indo muito além daquilo que as Escrituras dizem sobre o assunto. Sua origem



-penso- vem do desejo de produzir teologias sistemáticas limpas e organizadas. Nada tenho contra a teologia sistemática, mas neste caso me parece haver certo desejo de inferir logicamente, ou de fazer um movimento estético, que vê em todas as maravilhosas consequências da morte de Cristo um paralelo igual e oposto em Adão (ALEXANDER, 2017, p.291).

Para Alexander, a morte de Cristo aconteceu como “sacrifício pelo pecado, cumprindo e completando o sistema de sacrifícios de animais descrito no Antigo Testamento” (2017, p.293).

O evolucionismo teísta, sustentado na teoria da evolução, lança dúvidas doutrinárias fundamentais, as quais geram implicações primaciais, principalmente as de natureza soteriológica:

Se a evolução for verdadeira, o Universo é extremamente antigo, os seres humanos se desenvolveram a partir de primatas (...) e (...) a queda não é um acontecimento histórico. (...) No entanto, se a negação da Queda histórica levanta dúvidas a respeito da doutrina do pecado original, então também levanta dúvidas a respeito do papel da cruz de Cristo dentro da expiação substitutiva. Se Jesus não morreu para vencer o pecado original da humanidade, *por que* Jesus morreu? O que Jesus, o segundo Adão, procurou restaurar com a cruz, senão o pecado do primeiro Adão? A expiação substitutiva considera o pecado original o principal motivo para a morte de Cristo. A macroevolução, contudo, coloca em dúvida a Queda e a doutrina do pecado original. Portanto, a evolução representa uma séria objeção à expiação substitutiva (BANKARD *apud* REEVES, 2021, p.717).

O evoteísmo rejeita a origem edênica da queda e sua subsequente transmissão à humanidade. Refuta a literalidade da desobediência adâmica e insere a ideia da existência do pecado no homem como consequência natural do processo criador de Deus, resultante de sua marcha evolutiva como espécie diferenciada das demais.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evolução teísta, em sua propositura interpretativa não literal da criação humana, apresentada nos três primeiros capítulos do livro de Gênesis, apresenta-se incompatível com os ensinamentos soteriológicos do Novo Testamento.



Um dos relevantes desmembramentos do teísmo evolucionário é que ele relativiza as Escrituras Sagradas, ao afirmar que o relato bíblico dos capítulos 1 a 3 do livro de Gênesis é uma metáfora, uma resenha lendária. Concede-lhes simples caráter mítico, na explicação sintética de que esta obra está imersa na cultura literária do Antigo Oriente Próximo, realizada num período de obscuridades científicas. Desta forma, propõe que os primeiros pais edênicos, trazidos no primeiro livro da Torá, não teriam, na realidade, sido os primeiros seres humanos. De igual forma, concedem-lhe paternidade humana natural e não a direta e especial ação divina. Igualmente, removem a condição imaculada de ambos, inserindo-os no contexto das comunidades primitivas que, em suas vidas rústicas e indiferenciadas, experimentavam infortúnios e transgressões. Neste contexto, a experiência da morte física não teria surgido como consequência do pecado de Adão e Eva. Por conseguinte, não teria existido a queda original do homem, a primeira transgressão transmissora da pecaminosidade aos seus descendentes. Assim, seguem-se as consequências hamartiológicas e soteriológicas evidentes. Sobressai-se a desnecessidade do Salvador e do carecimento do Cristo de Deus.

A evolução teísta torna-se, à vista disso, incompatível com os ensinamentos soteriológicos do Novo Testamento. No afã de propor um casal primevo reconhecidamente lendário, a proposta acaba por estabelecer uma desconexão entre Jesus de Nazaré, personagem histórica, com um hipotético Adão mítico. Nisto, carregam-se implicações escriturísticas e teológicas conflitantes com a apresentação bíblica da verdade histórica da criação humana. Frise-se que o Adão histórico e literal não está presente somente nas páginas do Gênesis, mas também nos evangelhos, no livro de Atos dos Apóstolos, em epístolas paulinas e nas epístolas gerais. Toda a revelação bíblica teria de ser relida, revista e reinterpretada nas suas bases mais fundantes. A chancela do evolucionismo teísta, por consequência, propõe-se à revisão e ao soerguimento de novas bases soteriológicas, desconexas e conflitantes



com os paradigmas doutrinários da igreja.

Portanto, se o relato de Gênesis 1, 2 e 3 não for histórico, todo o alicerce soteriológico do Novo Testamento perde o sentido. Passagens fulcrais como as que fazem a analogia entre a queda de Adão e a redenção em Cristo, como em Romanos 5 e 1 Coríntios 15, são contundentes em seu compromisso pétreo e bem sedimentado com a plena historicidade dos acontecimentos registrados nos primeiros capítulos do primeiro livro da Torá. Em ambas as passagens, Paulo conecta a pessoa e a obra de Adão à pessoa e à obra de Cristo.

A análise teológica do evoteísmo alcança horizontes bem amplos, haja vista tocar, fundamentalmente, nos aspectos mais basilares da doutrina bíblica presente no relato dos três primeiros capítulos de Gênesis e, mais detidamente, sobre a criação do ser humano. O campo de abrangência desta discussão amplia-se consistentemente e alcança doutrinas fundamentais do Cristianismo bíblico. Neste esteio, insere-se a validade dos fundamentos teológicos atinentes à salvação, fundamento maior da Cristologia, da hamartiologia e da Soteriologia bíblicas.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Denis R.; Criação ou Evolução: Precisamos escolher? Viçosa: Ultimato Editora, 2017.

ANDRADE, R.S; O Criacionismo nos Estados Unidos: religião e ciência numa América “Pós-cristã”. Anais dos Simpósios da ABHR. Vol.12, 2011. Disponível em:
<https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/98> Acesso em 01/08/2024. Acesso em 01/07/2024.

AXE, Douglas, In: MORELAND, J.P. (et al). Evolução Teísta: uma crítica científica, filosófica e teológica. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2021. BARROS, Dirson Maciel de; Criacionismo e Evolucionismo: uma possibilidade de equilíbrio a partir do



transformismo de Teilhard de Chardin. 2009. 93f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião – Universidade Católica de Pernambuco), Recife, 2009. Disponível em:

<http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/288?mode=full> Acesso em 01/07/2024.

BRAGA, João Paulo Reis; A “Fé” dos Novos Ateus: Uma análise sobre o discurso neoateísta e sua influência na Academia. 2020. 237f.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião – Universidade Católica de Pernambuco), Recife, 2020. Disponível em:

<http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1376> Acesso em: 01/07/2024.

BRAGA, João Paulo Reis; A Fé dos Ateus: Como a crença em Darwin fez da evolução um dogma sagrado. 2ª ed. São Paulo: Koval Press, 2023.

COLLINS, Francis S. A Linguagem de Deus: Um cientista apresenta evidências de que Ele existe. 7ª ed. Editora Gente, 2007.

GRUDEM, Wayne, In: MORELAND, J.P. (et al). Evolução Teísta: uma crítica científica, filosófica e teológica. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2021. FERNANDES, P.R; RAIC D.F.F. O ensino de ciências nos documentos curriculares da educação brasileira: um olhar aos conteúdos de ‘biologia evolutiva’. Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar. Mossoró, v. 9, n.31, dezembro/2023, p.720. Disponível em:

[file:///C:/Users/USER/Downloads/7.+O+ENSINO+DE+CI%C3%80NCIAS+NOS+DOCUMENTOS+CURRICULARES+DA+EDUCA%C3%87%C3%83O+BRASILEIRA+temp+late+\(1\)%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/USER/Downloads/7.+O+ENSINO+DE+CI%C3%80NCIAS+NOS+DOCUMENTOS+CURRICULARES+DA+EDUCA%C3%87%C3%83O+BRASILEIRA+temp+late+(1)%20(2).pdf). Acesso em: 01/08/2024.

GAFFIN, Jr. Richard B. No Adam, No Gospel: Adam and the history of redemption. Phillipsburg: P&R, 2015.

KEULLER, Adriana T. A. Martins; Os Estudos Físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: cientistas, ideias, objetos e instrumentos (1876-1939). São Paulo: Humanitas, 2012. 354p. Produção Acadêmica Premiada. Disponível em:



<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-18092008-161852/pt-br.php> Acesso em 01/08/2024.

LAMOUREUX, Denis. Was Adam a real person? Christian Higher Educations. Routledge. & Francis Group 10, p.79, 2011.
Disponível em:

<https://sites.ualberta.ca/~dlamoure/padam.pdf> Acesso em: 01/06/2024. LOPES, Hernandes Dias. Gênesis, o Livro das Origens. São Paulo: Hagnos, 2021. MARTIN, Jobe R. In: COUCH, Mal (et al). Os Fundamentos para o Século 21: examinando os principais temas da fé cristã. Tradução de Oswaldo Chamorro. São Paulo: Hagnos, 2009.

MEYER, Stephen C. In: MORELAND, J.P. (et al). Evolução Teísta: uma crítica científica, filosófica e teológica. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2021. MILAGRES, Lucimar. Teologia da criação e criacionismo evolucionário. Revista de Cultura Teológica. Ano XXX, n.103, Set-Dez/2022. PUC-SP. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/59073/41636>.
Acesso em 02/09/2024.

MORRIS, Henry M, In: COUCH, Mal (et al). Os Fundamentos para o Século 21: examinando os principais temas da fé cristã. Tradução de Oswaldo Chamorro. São Paulo: Hagnos, 2009.

REEVES, Colin R. In: MORELAND, J.P. (et al). Evolução Teísta: uma crítica científica, filosófica e teológica. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2021. WALTON, John H. O Mundo Perdido de Adão e Eva: o debate sobre a origem da humanidade e a leitura de Gênesis. Tradução de Rodolfo Amorim Carlos de Souza. Viçosa: Ultimato Editora, 2016.

WEST, John G. In: MORELAND, J.P. (et al). Evolução Teísta: uma crítica científica, filosófica e teológica. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2021.

